ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

PERIFERIA DE PONTA A PONTA: JUVENTUDE, CIDADANIA E PRÁTICAS CULTURAIS

PEDREIRA, Eliana Oliveira[1]
LEONCIO, Jamila Valéria[2]
SILVA, Flávia Francielle da [3]
JOVINO, Ione da Silva[4]
BORGES, Simone Sousa [5]

RESUMO – O presente estudo se estrutura a partir do projeto de extensão intitulado: *Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais*, desenvolvido por uma equipe multidisciplinar de professoras, egressas e graduandas (os) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em parceria com a Secretaria de Educação e Tecnologia (SETI), por meio do *Programa Universidade Sem Fronteiras,* subprograma *Diálogos Culturais*. O projeto, que ainda está em fase inicial, destina-se a jovens de ambos os sexos, advindos de regiões periféricas da cidade de Ponta Grossa-PR, e que se encontram em situação de vulnerabilidade ou segregação sócio-espacial, preferencialmente, participantes de grupos culturais. O objetivo central dessa ação extensionista é propiciar aos jovens participantes do projeto, um espaço para interação cultural e diálogo com e entre elas/es, e também entre elas/es e a universidade, buscando assim oferecer elementos de reflexão que subsidiem a construção da autonomia e consciência do poder na busca por justiça e transformação social dos bairros onde vivem. A metodologia se dá por meio de oficinas temáticas, e sessões de diálogos, versando sobre direito e cidadania, entre outros temas, direcionados a partir das demandas por eles apresentadas, a fim de lhes possibilitar a circulação por espaços que muitas vezes lhes são desconhecidos. Essas atividades buscam estimular o reconhecimento e auto-afirmação de suas identidades, tanto individuais quanto coletivas, por intermédio da promoção e divulgação de suas produções e da promoção de interação entre diferentes grupos juvenis das áreas periféricas da cidade. Visa-se ainda oferecer condições materiais e recursos técnicos, para que as/os jovens em questão possam documentar em vídeo as ações do projeto e as experiências vivenciadas por eles na participação do mesmo. Espera-se que esse trabalho de alguma forma contribua com a formação pessoal dos jovens envolvidos no projeto, para que se compreendam como sujeitos ativos na sua sociedade e construtores de sua história**.**

Palavras-chave – juventude, cultura, segregação sócio-espacial.

Introdução

Segundo os dados presentes no Atlas do Desenvolvimento Humano e do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2000 a população jovem de Ponta Grossa representava cerca de 53,87% da população urbana do município. Apenas 11% dessa população jovem, com idades entre 18 e 24 anos tinha acesso ao ensino superior. Entre aqueles com idades entre 15 e 17 anos, apenas 53% freqüentava regularmente o ensino médio.

Por si só os dados acima justificariam a necessidade de políticas públicas municipais voltadas para a expressiva camada jovem da população, quem sabe dentro de uma possível secretaria municipal da juventude, ou de uma política de ações afirmativas voltadas para a juventude dentro das demais secretarias do município. No entanto, as poucas iniciativas específicas para a juventude que pudemos recolher dizem respeito as ações muito pontuais da Secretaria Municipal de Assistência Social. Uma delas foi a apresentação do documento "Pacto pela Infância e Juventude (2007-2010)" da Secretaria de Estado da Criança e da Juventude do Paraná (SECJ). O referido documento da SECJ apresenta e sintetiza as dez prioridades do governo do Paraná em ações

[1] Graduanda, elianapedreira_uepg@hotmail.com
[2] Graduada, jamilavl@yahoo.com.br
[3] Graduanda, flavia-francielle@hotmail.com
[4] Professora do DEMET/UEPG, Doutoranda em Educação UFSCar, coordenadora do projeto, ionejovino@terra.com.br
[5] Graduada, simoneangelborges@hotmail.com

voltadas para crianças, adolescentes e jovens e foi apresentado em Ponta Grossa no dia 27 de novembro de 2007. Nenhuma das dez prioridades e seus desdobramentos evidencia ou explicita o fortalecimento de identidades e direitos dos jovens pobres e/ou negros.

Uma segunda ação rastreada foi o encontro para discutir as diretrizes do *Plano de Políticas Públicas de Juventude*. Essa foi a proposta da *I Conferência Municipal de Juventude* que aconteceu no dia 28 de fevereiro de 2008 na cidade. A Conferência foi organizada pela Secretaria Municipal de Assistência Social, por meio de seu Departamento da Criança e do Adolescente e contou com a participação da Associação de Apoio a Juventude Ponta Grossa (APJ), segundo um jornal da cidade.

Das 239 entidades e associações cadastradas no site da Prefeitura de Ponta Grossa, apenas mais uma, além da PJP, trazia o termo juventude explícito em seus nomes e/ou objetivos. Para a segunda, "Jovens com uma missão", não havia projetos cadastrados e nem indícios de que tenha recebido repasses municipais.

E por falar em expressões juvenis, a estética do movimento hip hop é algo bastante presente na indumentária de uma significativa camada de jovens e adolescentes que vemos pelas ruas e escolas de Ponta Grossa. Não podemos afirmar o quanto isto ultrapassa ou representa algo para além da questão estética. Mas sabemos que é possível observar com facilidade uma quantidade expressiva de "piás firmeza" (A expressão pejorativa, cunhada por jovens que não aderem e muitas vezes criticam a estética hip hopper, faz referência a uma marca de roupas largas muito usadas na cidade. Outra expressão do mesmo tipo seria "piá carçudo") andando pela cidade, especialmente no terminal central de ônibus, que nos parece ser um ponto que os agrega antes e depois da escola, bem como para atividades de lazer. Também não é difícil perceber a exposição de artigos destinados a esse público em lojas da região central.

A ligação dessa estética das calças e blusas largas a sujeira e, principalmente, a marginalidade já foi assinalada por alguns estudiosos de culturas juvenis como Gomes (2002). Em Ponta Grossa, relatos de adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativa revelam que o simples fato de usar uma determinada cor ou marca de roupas (os comentários se referem principalmente às roupas cor-de-rosa com a inscrição 55, da marca paulistana XXL) desse tipo pode determinar sua apreensão por policiais ou a colocação em situação vexatória como ter a roupa rasgada.

Daqueles que se dedicam menos à estética e mais à participação cultural e social demandada pelo movimento *hip hop* podemos ter notícia, em Ponta Grossa, por meio de um endereço eletrônico que parece congregar vários grupos de rappers, grafiteiros, b.boys e MC's. Pelo site percebemos a organização de festivais na cidade, dentre eles o "Ronda Hip Hop Festival". Também percebemos a organização para participar de eventos fora de Ponta Grossa. Outra ação mapeada no site foi a produção de DVD coletivo, no qual cada grupo da cidade apresentou uma faixa em formato de clipe.

Em algumas crônicas, entrevistas e outros textos do site, é possível perceber uma clara preocupação com desigualdade social, mas ainda não encontramos nada especifico sobre relações raciais nem sobre a questão de gênero. Porém é importante salientar que um dos grupos mais antigos da cidade, o Ponta Rap, tem uma MC no seu comando.

Ainda em relação ao discurso dos hip hoppers presentes no site, pudemos observar o freqüente uso do termo periferia, seja em títulos de músicas e CDs, seja em falas sobre a situação social. Um exemplo pode ser o título do recente trabalho do já citado Ponta Rap: *Periferia de Ponta a Ponta*. O sugestivo título pode indicar uma abrangência nacional, quiçá internacional na interpretação da periferia, ao mesmo tempo em que é, em relação ao nome da cidade, extremamente local, ou seja, de ponta a ponta da própria Ponta Grossa.

O uso do termo periferia é apontado por Silva (1998) em relação à questão da localidade dos hip hoppers e aparece em seu trabalho como uma forma de afirmação, de identificação e construção de alianças e amizades. Segundo o autor o termo "periferia" , como categoria na qual os sujeitos se reconhecem, passa a ter o mesmo status que o termo "preto". Só que periferia torna-se mais abrangente porque abarcaria todos os "excluídos". O uso do termo preto estaria ligado à valoração positiva da cor, seria uma questão estética e uma opção política. O ponto de vista do autor é estabelecido a partir de sua pesquisa na cidade de São Paulo, porém nos discursos juvenis pontagrossenses, o termo periferia poderia também ser visto com essa função de englobar, reconhecer uma gama maior dos chamados "excluídos".

As pesquisas sobre juventude têm apontado que o mundo da cultura se apresenta mais democrático aos jovens negros e pobres que outros espaços sociais, contudo, isto significa que outros espaços encontram-se mais fechados a eles. É lógico que as sociabilidades em torno da cultura não encerram as soluções para todos os problemas e desafios enfrentados por eles, mas constituem-se importantes canais para que se coloquem quer como sujeitos, quer como cidadãos.

Falar da vulnerabilidade desses jovens da periferia é reconhecer que tal situação não está somente ligada à exposição ou proximidade com criminalidade e violência, mas também à segregação sócio-espacial a que estão relegados nos espaços de pobreza que se encontram, posto que estejam longe do centro econômico e cultural da cidade:

Assim, na escala do espaço intra-urbano a violência também pode ser concebida como instituída num contexto de segregação e exclusão socioespacial da população infanto juvenil das periferias pobres. A violência instituída estão atreladas às alternativas de sobrevivência construídas pelos grupos sociais excluídos dos direitos à cidade aos bens e serviços urbanos. Sendo a violência, uma construção relacional, interdependente ao contexto dos grupos que a praticam, os adolescentes da periferia, enquanto sujeitos marginalizados, criam táticas variadas que questionam o conjunto das normas hegemônicas de nossa sociedade capitalista profundamente desigual (Chimin Jr e Rossi, 2008, p.3).

Dessa forma, a periferização e a segregação geradas pela centralização sócio-econômica e cultural, impõem aos jovens exclusões de todas as ordens. No entanto, esses jovens encontram formas de organização e expressão baseadas em outros tipos de relações sociais e econômicas possíveis nos espaços a que foram relegados. Por exemplo, como vimos acima na organização de integrantes do movimento *hip hop* de Ponta Grossa.

Objetivos

O referido projeto tem por objetivo promover atividades e espaços de reflexão, diálogos, formação e interação cultural entre jovens de diferentes regiões periféricas da cidade de Ponta Grossa, em especial aquelas que os jovens estão submetidos a maior vulnerabilidade social, desses com a universidade e com o centro da cidade. Com foco de atuação nas temáticas: cultura, raça/etnia, gênero, orientação afetivo-sexual e profissionalização (temáticas que não serão abordadas isoladamente, mas buscando o entrecruzamento entre as mesmas).

O diálogo entre os jovens e com a universidade busca o empoderamento para que eles se tornem líderes e multiplicadores do conhecimento e da experiência adquirida no projeto, tendo em vista a busca da justiça social nos bairros em que vivem. Igualmente, objetivamos tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver, de lutar pela dignidade própria dos jovens de regiões periféricas; colocar em diálogo vários grupos culturais juvenis, bem como com profissionais especializados a fim de propiciar aos jovens oficinas sobre direitos e cidadania que possibilitem reconhecer e circular por espaços cujo acesso não lhes é negado ao mesmo tempo que não lhes é claramente ofertado e que, por isso, muitas vezes são desconhecidos.

Ainda temos o propósito de desenvolver oficinas temáticas e sessões de diálogos para o reconhecimento da identidade individual e coletiva, a expressividade, os valores da cidadania e a inclusão social desses jovens, como também promover a divulgação das produções culturais dos grupos juvenis da periferia da cidade, a interação entre diferentes grupos culturais. E, por fim, dar subsídios, tais como, condições materiais e formação para que os jovens para que estes possam documentar em vídeo as ações do projeto.

Umas das metas do projeto também é a de selecionar cerca de 60 jovens de ambos os sexos, de regiões periféricas de Ponta Grossa, em situação de vulnerabilidade social, participantes ou não de grupos culturais juvenis, que podem agir como multiplicadores em seus bairros, escolas, grupos culturais, das experiências vivenciadas no projeto. No entanto, as atividades culturais buscarão atender um grupo maior, de acordo com o espaço físico em que forem realizadas as atividades. Já as atividades de oficinas e diálogos terão o número de participantes limitado aos inscritos. Cabe aqui ressaltar que estamos nos referindo a jovens cujos segmentos etários vão de 15 a 24 anos, mas que devido a características diversas, como, por exemplo, inserção ou não no mundo do trabalho, pode-se antecipar ou estender esse período.

Metodologia

Antes de entrarmos na questão relativa a metodologia que se utilizará no projeto, no momento de sua aplicação com os jovens, temos que mencionar os outros sujeitos que farão parte

desta jornada. Além dos jovens, focos do projeto, fará parte do mesmo uma equipe multidisciplinar composta por graduados e graduandos das áreas de Direito, Serviço Social, Jornalismo, História, Letras, bem como professores que participaram da coordenação do grupo. Anteriores a efetivação o grupo fará discussões acerca da temática, buscando as diversas visões de um mesmo foco, o jovem e outras que enriqueçam, fortaleçam e embasem a prática.

A metodologia do projeto privilegiará a ação conjunta, sempre levando em conta as demandas reais e efetivas do grupo etário e social envolvido no mesmo. Coordenação, bolsistas, voluntária, especialistas e participantes poderão sempre retomar e rever ações planejadas, privilegiando o diálogo e a interação, a fim de que contemplem as reivindicações do público alvo.

As atividades desenvolvidas serão documentadas na visão dos jovens participantes com uma câmera de vídeo que será entregue a vários grupos participantes para que tenham a responsabilidade e oportunidade de registrar suas impressões, os modos de ver e sentir as atividades e suas próprias práticas e vivências dentro do projeto, tentando assim nomear, positivar e atribuir sentido à potência de vida que os/as jovens enunciam e indicam. Afinal acreditamos que ouvir, por meio de seus registros visuais, o que eles/as falam, entendem, pensam é uma opção teórica/metodológica na qual existe a certeza de que eles têm o que dizer. Isto posto, cremos que tomar as falas dos/as jovens como saber e positividade, ouvi-los desde para além de suas práticas é a opção teórico-metodológica firmada aqui.

Segundo Abramowicz (2000, p.11), Foucault talvez tenha sido o mais fecundo e incisivo dentre tantos outros nessa prática. Para a mesma autora “é necessário tirar as implicações teóricas/metodológicas quando Foucault rediscute a noção de representação, afirmando que as pessoas devem dizer ou falar em nome próprio e que devem poder fazê-lo, e que tais falas sejam tomadas sem as desqualificações das ordens discursivas”.

Enfim, o Projeto Periferia de Ponta a Ponta: Juventude, cidadania e práticas culturais, pretende enfatizar através das ações supracitadas a voz do jovem que se encontra nas periferias de Ponta Grossa, suas angustias, dilemas, inquietações, visões de seu dia a dia, bem como valorizar sua cultura, maneiras de agir e pensar, enfim, pretendemos desvelar e compreender sobre essa realidade assim como mostrar a eles as tantas possibilidades que o mundo pode oferecer.

Conclusão

Sendo assim, as múltiplas determinações da questão social que dizem respeito ao jovem vem adquirindo visibilidade em diversos setores da sociedade, público, privado, organização não governamental. Com isso, faz-se mister refletir sobre as condições que estes jovens estão submetidos na atualidade, a fim de propor intervenções que vão ao encontro das necessidades apresentadas por esta demanda.

Para tanto, a equipe multidisciplinar do Projeto Periferia de Ponta a Ponta: Juventude, cidadania e práticas culturais, está em preparação através da revisão de literatura, ocasionando vários questionamentos em torno da complexidade da temática juvenil, visando alcançar embasamento teórico necessário para destarte executar as atividades junto aos jovens.

Isto posto, os resultados obtidos até o presente momento são decorrentes das reuniões semanais das reflexões em torno da temática, nas quais se tem produzido trabalhos para publicações, como este, cujo objetivo é tornar público a complexidade do assunto, e ainda, instigar novos questionamentos e reflexões acerca desta temática.

Assim, vale ressaltar que devido a suma importância das reflexões apresentadas nos debates, dentre os mais variados prismas oriundos da diversidade de áreas do conhecimento envolvidas no projeto, ocorrerá os encontros semanais durante todo o processo de trabalho da equipe, objetivando alcançar uma base teórica bem estruturada para que consequentemente se tenha um desenvolvimento consistente nas atividades práticas.

Referências

ABRAMOWAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L.B. **Juventudes e Sexualidade.** Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ANDRADE, E. N. **Movimento negro juvenil: um estudo de caso de jovens rappers de São Bernardo do Campo**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo: São Paulo, 1996.

_____(org.). **Rap e educação Rap é educação**. São Paulo: Selo Negro (Summus), 1999.

CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade. Identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CHIMIN JR, A. B. e ROSSI, R. **Dimensão espacial da vulnerabilidade dos adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei para práticas infracionais na área urbana da cidade de Ponta Grossa – PR**. Fazendo Gênero, 8, 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br. Acesso em 21/11/2008.

CORTI, A. P. et al. **O encontro das culturas juvenis com a escola**. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

_____. e SOUZA, R. **Diálogos com o mundo juvenil: Subsídios para educadores**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

DAYRELL, J. T. ***O jovem como sujeito social.*** Reunião Anual da ANPED, 25, 2002, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br Acesso em 10/09/2004.
_____. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte.** Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2001.
_____. **Rappers, educação e identidade racial**. *In*: LIMA, I. et al (orgs). *Educação popular afro-brasileira*. Florianópolis, Núcleo de Estudos Negros, nº 5, 1999.

_____ e DAYRELL, J. T. **Juventude, práticas culturais e identidade negra**. *In*: Revista Palmares em ação. Brasília: Fundação Cultural Palmares/Minc., nº 2 out./dez./2002.

HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.
_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 7ª ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.
JOVINO, I. S. **Escola: as minas e os manos têm a palavra**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2005.

LOURO, G. l. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MISKOLCI, R. **Um corpo estranho na sala de aula.** In: ABRAMOWICZ, A. e SILVÉRIO, V. (org.). **Afirmando diferenças. Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2005. p.13-26

NOVAES, R. & VANNUCHI, P. (orgs.). **Juventude e Sociedade. Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
PELBART, P. P. **Vida Capital: ensaios de biopolítca**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas Racial Brasileiro**, 2005.
PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**, 2000.
SILVA, J. C. G. **Rap na cidade de São Paulo: Música, etnicidade e experiência urbana**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP: Campinas, 1998.
SOUZA, M.G de. **Expectativas sobre a inserção dos jovens negros e negras do ensino médio do Paraná no mercado de trabalho**. In: BRAGA, SOUZA e PINTO (orgs). **Dimensões da inclusão no ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola**. Brasília MEC/SECAD, 2006.
_____. **Movimento hip hop e educação: impactos sociais da atuação dos rappers na trajetória escolar de jovens negros em Curitiba (2002-2005**). In: OLIVEIRA et al (orgs). **Negro e Educação 4. Linguagens, Educação, Resistências e Políticas Públicas**. São Paulo: Ação Educativa, ANPED, 2007.

SPOSITO, M. P. **Juventude, pesquisa e educação**. Reunião Anual da ANPED, 24, 2001, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2001. Disponível em: http://www.anped.org.br Acesso em 10/09/2004.

_____. **Estado do conhecimento: Juventude**. Brasília: INEP, 2000.